



SALESIANOS COOPERADORES **notícias**



ÓRGÃO FORMATIVO E INFORMATIVO DA
ASSOCIAÇÃO DOS SALESIANOS COOPERADORES
DO SUL DO BRASIL

ANO III

NÚMERO 15

SETEMBRO - OUTUBRO

1987



O ENCONTRO COM
DON SERGIO CUEVAS



VALEU A PENA!

PRODUÇÃO

SEDE INSPETORIAL

Rua Dr. Eduardo Chartier, 360
Bairro Higienópolis
Caixa Postal 6006
90440 PORTO ALEGRE - RS - BRASIL



Estimado (a) irmão (ã)
Salesiano (a) Cooperador (a)

Trazemos neste número uma reflexão sobre a salesianidade.
O artigo é de autoria de D. Joseph Aubry com a tradução para o português, do Pe. Tarcízio Odelli (nosso muito obrigado).

É muito conveniente que seja tomado individualmente e em grupo com muita tranquilidade.

A nossa vocação está caracterizada, por assim dizer em três importantes dimensões quais sejam, a eclesialidade (pertença plena à Igreja), a secularidade (compromisso no meio do mundo) e a salesianidade (pertencer à Igreja em meio ao mundo a maneira de Dom Bosco, em sua escola).

Ser Salesiano Cooperador (J. Aubry - Cooperador Salesiano, uma vocação concreta na Igreja, pág. 11), é uma grande vocação. É alguém excepcional, não um cristão normal. Nas três dimensões que D. Aubry nos faz refletir e mais, recordando o que nosso Pai Dom Bosco nos deixou, poderemos claramente entender.

Que este artigo possa fazê-lo (a) entender melhor sua (nossa) missão.

Juntos com Dom Bosco.
Que a Mãe Auxiliadora nos guie

SHALOM

SC. Luiz Marcos Schatzmann
Secretario-coordenador-inspetorial



DOM BOSCO VIVE
CENTENÁRIO DA MORTE - 1888-1988



BATE PAPO

Em quatro anos vieram à luz três preciosos livros:

- 1982: as Constituições e Regulamentos das FMA,
- 1984: as Constituições e Regulamentos dos SDB.
- 1986: o Regulamento de Vida Apostólica dos CCSS, totalmente renovado e aprovado pela Igreja, no dia 09 de maio - promulgado pelo Reitor-Mor, no dia 24 de maio.

É uma trilogia completa. Significativa. Obedecendo às diretrizes do Vaticano II, reconstrói os três documentos escritos por Dom Bosco para os três ramos da Família Salesiana, nos anos de 1874, 1876 e 1877.

Foram quinze anos de vivência, pesquisas. Com isso a Família Salesiana inicia uma fase histórica nova.

Cada grupo da Família Salesiana pode encontrar a sua identidade bem definida e oficialmente reconhecida pela Igreja.

Passou o período de busca, de procura. Inicia-se a fase de realização segura, generosa, fraterna, coordenada. Mas, para que isto aconteça, uma coisa se faz necessária: conhecer séria e profundamente o Regulamento de Vida Apostólica.

A estrutura do Regulamento de Vida Apostólica é simples.

Além do Proêmio e uma Conclusão, encontramos seis capítulos, distribuídos em quatro partes:

a) Um primeiro capítulo, fundamental, apresenta a identidade do Cooperador e a sua Associação (art. 1-6).

b) Uma segunda série de artigos (7-25), divididos em dois capítulos, (II-III), apresenta a vida externa do Cooperador, ou seja, o seu compromisso apostólico e o contexto associativo e familiar em que se realiza.

c) Os capítulos IV-V (agrupando os artigos 26-40) apresenta a vida íntima do Cooperador e o seu estilo de vida, ou seja, não tanto o que ele faz, mas o como ele faz. Quais as suas motivações, as suas atitudes características, as suas exigências espirituais e formadoras.

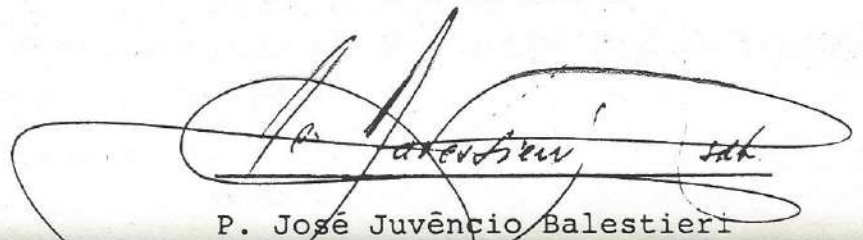
d) Um último capítulo (art. 41-49) apresenta a organização da Associação, privilegiando a organização local e inspetorial.

Em síntese:

- 1- Quem é o Cooperador (e a sua Associação) na Igreja,
- 2- O que faz e com quem,
- 3- Como faz e as condições para fazê-lo bem,
- 4- Em que estruturas associativas.

A estrutura regulamentar dos CCSS muito se aproxima das Constituições dos Salesianos. Ambos são frutos da mesma sensibilidade salesiana: aparecem, em primeiro plano, o compromisso e as atividades apostólicas. Trata-se de atividades animadas e alimentadas pela mística do "da mihi animas", pelo estilo salesiano, pelo esforço autêntico de oração e de formação.

O Regulamento de Vida Apostólica forma um todo e deve ser assumido no seu todo.



P. José Juvêncio Balestieri



Salesianidade

I - PARTICIPAÇÃO NA MISSÃO DA IGREJA (JOSEPH AUBRY)

A) SALESIANIDADE, PARTICIPAÇÃO NO CARISMA DE DOM BOSCO FUNDADOR

No esforço de entender em profundidade um pouco da identidade do Salesiano Cooperador, afirmamos nas reflexões precedentes, que a sua "vocação" (J.Aubry - nº 63 - maio 86) está caracterizada em três dimensões:

- a eclesialidade ou pertença plena à Igreja, incluída a sua missão (D. Valentini, nn.65 e 67 - agosto e outubro 86);
- a secularidade ou compromisso no meio do mundo (L.Gallo, nn. 69 e 70 - dezembro 86 e janeiro 87);
- a salesianidade: abrimos com este número a reflexão sobre esta terceira dimensão. É importante para o Cooperador, viver como membro da Igreja no meio do mundo realiza-se na "escola de São João Bosco" (RVA Proêmio/1), a maneira de Dom Bosco.

As conseqüências práticas deste fato são numerosas e importantes: permitem-nos determinar a identidade precisa e original do Salesiano Cooperador no meio do imenso Povo de Deus. É importante aqui entender bem a natureza desta realidade.

1) REALIDADE GLOBALIZANTE

Primeiro assunto para entender: a salesianidade do Cooperador é globalizante: não é uma parte de sua vocação cristã, mas sua vocação é completa vivida e assumida sob o ângulo do carisma salesiano.

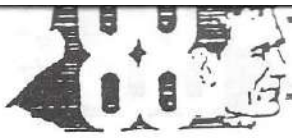
A- É COMPLETA SUA VOCACAO CRISTÃ SECULAR

Teorizar é uma coisa; ser e viver é outra coisa. A nível de exposição da doutrina somos autorizados, bem como forçados a falar sucessivamente de eclesialidade, laicidade secular e de salesianidade. Mas no concreto, estas realidades são realizadas e vividas juntas, na unidade do ser vivente. É bom não esquecer nunca disto.

Poderia existir a tentação (e existiu no passado) de ver as três realidades do ser cristão, leigo e salesiano como três realidades à parte, que dividem o ser e a vida do Cooperador: no primeiro momento, é cristão através de tais características (reza, vai à missa, é bom paroquiano); no segundo momento leigo através de outras características e atividades (trabalha com espírito cristão no meio do mundo); no terceiro momento, é salesiano através também de outras características e atividades (se ocupa dos jovens, trabalha para as missões salesianas). Seria uma "tricotomia" antivitral e mortal.

No concreto, as três realidades tem valor universal e globalizante: todo o ser e agir do Cooperador é cristão-universal, todo o seu ser e agir é laical-secular e todo o seu ser e agir é salesiano, segundo três tipos de valores que se compenetraram e se influenciam. Ele é "cristão-leigo-salesiano" sempre, inseparavelmente.

Porém, poderemos dizer que um destes valores é mais globalizante do que os outros, porque vem a especificar o valor genérico dos outros dois. Não só supõe e assume os outros dois, mas os caracteriza, os colore, os identifica de uma maneira original (deixando possível, evidentemente outras maneiras de identificação original): e é a própria salesianidade. Isto aparece logo no nome: dizer "Cooperador Salesiano" é dizer tudo, direto; é dizer "cristão-leigo-salesiano" sem necessidade de detalhar ou de explicar cada vez. Entre os membros-cristãos e entre os cristãos-leigos, o Cooperador é "um salesiano", é tudo é dito: " O Cooperador é um católico que vive a sua fé inspirando-se dentro da própria realidade secular, no projeto apostólico de D.Bosco" (RVA 3)



Do mesmo modo como dizemos, por exemplo, que um "florentino" é integralmente "homem-italiano-florentino" juntos.

Perceber isto é de suma importância: no concreto, a salesianidade vivida inclui todos os valores, unifica a consciência do Cooperador, empenha toda a sua vida. É preciso chegar a pôr na cabeça, na consciência e no coração de todos os Cooperadores esta convicção de que, dentro da sua vocação, debaixo do próprio nome (se o leva a sério) está toda a riqueza da sua identidade eclesial concreta, está todo o evangelho, todas as exigências do batismo e da crisma, toda a laicidade secular. Para cada membro da Associação, ser Cooperador é o seu modo providencial de ser discípulo de Cristo, membro da Igreja Universal e local, leigo no meio do mundo. E se vê logo que pode e deve ser o Cooperador não só em algumas atividades mais particulares, mas em todos os aspectos e momentos de sua vida.

Esta verdade fundamental, o RVA o afirma com a maior clareza no Proêmio, nos artigos 1, 2, 3, 7, 18, 26 e 40. O texto mais explícito é o artigo 2: ser Cooperador é "uma estrada para viver a fé do próprio batismo e o empenho da própria crisma"; é "assumir um modo específico de viver o evangelho e de participar da missão da Igreja. É ao mesmo tempo dom e opção livre, que qualifica a existência". É também uma "vida de santidade" (art.50).

B- É COMPLETA A VIDA CRISTÃ-SECULAR VISTA E ASSUMIDA SOB O ÂNGULO DO CARISMA SALESIANO

É tudo isto, sim, mas de uma certa maneira, seguindo uma certa entrada, com um certo estilo, com inspirações dele, acentuações, escolhas espirituais e iniciativas particulares: precisamente a "salesianidade"; ou para ser mais preciso tudo segundo o carisma; através de Dom Bosco "homem mandado por Deus" (RVA art. 1), é um dom gratuito de Deus para a Igreja.

Não ocorre fazer aqui toda uma exposição sobre teologia do carisma, mas creio importante fazer entender a todos os Cooperadores a substância desta teologia, para aplicá-la na sua própria vocação salesiana, para convencê-los que tornar-se Cooperador não é hobby, uma vontade de distinguir-se dos outros, nem menos o desejo de fazer "belas coisas" ou de experimentar a simpática vida salesiana, mas é seguir uma inspiração divina, é enriquecer a Igreja e a sua missão. Também isto está dito claramente no RVA, mesmo se a palavra "carisma" não seja usada, porque de caráter um pouco técnico e nem sempre bem entendida (preferiu-se "patrimônio" ou "experiência" espiritual): conforme os artigos 1, 2, 3, 5, 6, 26, 27 e 40, sendo o mais expressivo os artigos 2 e 26.

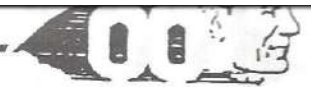
Em uma palavra, não tememos dizer que o Cooperador Salesiano, se a sua vocação é autêntica, é um verdadeiro cristão carismático, isto é, um cristão que se deixou conduzir pelo mesmo Deus para ser vitalmente participante do carisma salesiano, historicamente dado por Deus à sua Igreja através de Dom Bosco, e que hoje deve continuar para o bem da mesma Igreja. Tal verdade, extraordinariamente bela, forte, exigente, inclui as três realidades seguintes.

Carismático, isto é, em dependência da iniciativa generosa de Deus. A Associação não é somente um agrupamento de filantropos: Dom Bosco afirmava que era querida por Deus e Maria Auxiliadora. Parte de Deus, depende dele, busca sempre aquilo que Deus espera dela. E a nível individual, cada Cooperador autêntico torna-se Cooperador por livre escolha, mas sob impulso do Espírito Santo (Cfme RVA 1, 2, 36/1; e "Cooperadores" nº 63 sobre "vocação").

Carismático, isto é, com o olhar continuamente voltado para Dom Bosco fundador. Depois do Espírito Santo e Maria, a realidade do carisma põe fortemente em relevo a pessoa do fundador, da qual vem transmitida aos seus discípulos alguma coisa da sua típica "experiência espiritual e apostólica".

Isto supõe nos Cooperadores um conhecimento sério do fundador e das origens, um conhecimento ardente, estudá-lo e admirá-lo para saber imitá-lo e para referir-se a ele no momento de escolhas operativas. Eis uma perspectiva para 88.

Carismático, isto é, com a preocupação de servir a Igreja de maneira adequada e com inserção harmoniosa. O Espírito suscita sempre os carismas na Igreja para benefício da Igreja. Não suscitou a Associação para fechar os membros sobre a intimidade fraterna, mas para lançá-los juntos no cumprimento da missão confiada a Dom Bosco, inserindo-se harmonicamente entre os outros carismas da Igreja. O carisma remete à eclesialidade.



Sentido da própria vocação, sentido do fundador, sentido do serviço eclesial: eis três dimensões da consciência "salesiana" do Cooperador.

2) REALIDADE RICA DE TODOS OS CONTEUDOS DO CARISMA SALESIANO

A Salesianidade do Cooperador, dizíamos, é global, vocação vista e assumida sob o ângulo do carisma salesiano. Isto faz entender logo a sua riqueza de conteúdos: o Cooperador participa, de fato de todos os valores do carisma salesiano, para o qual o Espírito Santo tem sido generosíssimo.

Basta notar que ele vive, o desgruta "segundo a condição secular que lhe é própria" (RVA, art. 26), e não como salesiano religioso.

Quais são estes conteúdos? o RVA inteiro se preocupa de expô-los metodicamente e de explicar ao Cooperador de qual maneira original é chamado a realizá-los na própria vida. Também toda a reflexão que se segue de "Cooperadores" é destinada a explicá-los amplamente.

Para orientar logo com clareza esta exposição, dizíamos que o carisma salesiano consta de três elementos principais, aos quais são dedicados os três capítulos II, III e IV do Regulamento: a missão, o espírito, a fraternidade.

PRIMEIRO ELEMENTO: O Cooperador participa plenamente, mas a seu modo secular, da missão salesiana juvenil, popular, missionária. Tudo isso é explicado no Capítulo II do Regulamento: Empenho Apostólico, com suas duas partes: empenho diário (art. 7-12), atividade tipicamente salesianas (art. 13-17) A Associação como tal e cada Cooperador segundo as suas possibilidades e escolha, pretende realizar ao menos alguns dos objetivos da missão salesiana: promoção integral dos jovens, sobretudo pobres e abandonados, evangelização e catequese, cultura humanocrista do povo, especialmente através dos meios da comunicação social, trabalho explicitamente missionário.

SEGUNDO ELEMENTO: O Cooperador participa plenamente, mas a seu modo secular, do espírito salesiano, realidade complexa e riquíssima que contém ao mesmo tempo um "estilo original de vida e de ação" (art. 26) um método educativo-pastoral (art. 15) e uma mística de comunhão com Deus salvador. Tudo isso é explicado no capítulo IV do Regulamento: o espírito salesiano. "O centro e a síntese do espírito salesiano, diz o artigo 28, é aquela caridade pastoral (de Cristo, Bom Pastor) que Dom Bosco viveu plenamente entre os jovens". Este amor apostólico "centro" do "Da mihi animas" irradia pois sob todos os aspectos e setores da vida se exprime em otimismo e realismo (artigo 29), em espírito empreendedor e flexibilidade (artigo 30), em alegria e espírito de família (artigo 31) em oração simples e vital (artigo 32), com estima particular dos sacramentos e da devoção mariana (artigos 33 e 34).

TERCEIRO ELEMENTO: O Cooperador participa plenamente, mas a seu modo secular, da fraternidade ativa salesiana seja interna ou externa. Tudo isso é explicado no Capítulo III do Regulamento: "Em comunhão e Colaboração", com suas duas partes: dentro da Associação (artigos 19 a 21) e com os outros grupos da Família (artigos 22 a 25). A palavra "comunhão" ladeada da palavra "intercomunicação", exprime a fraternidade no plano das relações entre as pessoas e os grupos de pessoas. A palavra "colaboração", ladeada pela palavra "corresponsabilidade", exprime no plano da ação. A fraternidade eclesial, já experimentada em virtude do batismo o Cooperador acrescenta ainda a típica fraternidade salesiana, que ele procura sinceramente viver, seja como membro de uma "Associação" da qual aceita as estruturas (Capítulo VI), seja como membro da grande Família Salesiana. E tudo sob a guia do Reitor-Mor, superior da Associação, pai e centro de unidade da Família (artigo 23).

Percebe-se que viver seriamente a sua participação no carisma salesiano permite ao Cooperador participar de maneira original e intensa ao "mistério", à "comunhão" e à missão da mesma Igreja (conforme primeira palestra de D. Valentini), a construção do Reino de Deus no mundo (conforme palestra de D. Gallo).

Desenvolveremos agora o primeiro elemento: de que modo o Cooperador participa como leigo da típica missão que o Espírito Santo inspirou a D. Bosco para realizar na Igreja e no mundo. Em outros números de "cooperadores" serão explicados os outros elementos.



B) PRIMEIRO ASPECTO DA SALESIANIDADE O COOPERADOR PARTICIPA, COMO LEIGO DA MISSÃO SALESIANA

(conforme RVA Capítulo II)

O texto mais solene para isto é a afirmação que abre o capítulo IV do Regulamento de 1876: " modos de cooperação . Aos Salesianos Cooperadores propõe-se a mesma messe da Congregação de São Francisco de Sales à qual pretendem associar-se".

1) A TRÍPLICE DIMENSÃO DA MISSÃO SALESIANA

Qual é esta messe ? Por quem e por que motivo Dom Bosco foi "mandado" por Deus ? A resposta é ao mesmo tempo clara e complexa, e é somente toda a vida de Dom Bosco que permite dar a resposta. Os textos oficiais salesianos a caracterizam de maneira gradual, como " juvenil, popular, missionária "

A- A SALVAÇÃO INTEGRAL DOS JOVENS

Dom Bosco sentiu-se chamado por Deus e por Maria para ocupar-se de modo prioritário, preferencial e principal dos jovens (sobretudo adolescentes, a idade de mais decisiva entre os 12 e 18 anos), e mais precisamente ainda daqueles que ele chamava " pobres, abandonados, periclitantes". Ele mesmo teve a convicção disso no famoso sonho dos nove anos, e declarou tantas vezes com perfeita clareza, não só aos salesianos religiosos, mas também aos Cooperadores. Bastará citar dois textos, de grande vigor. O primeiro é tirado de sua Primeira Conferência aos Cooperadores em Turim, no dia 16 de maio de 1878: "Quereis fazer alguma coisa boa? Educai a juventude.

Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude.

Quereis fazer uma coisa santíssima? Educai a juventude.

Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude.

Mas, entre as coisas divinas, esta é diviníssima "

(MB XIII, 629, e Escritos Espirituais II, 60).

O segundo texto é talvez ainda mais significativo, porque nos entrega as suas últimas palavras aos Cooperadores, no Boletim Salesiano de janeiro de 1888: " De um modo especialmente particular vos recomendo o cuidado dos meninos pobres e abandonados que foram sempre a porção mais querida ao meu coração na terra, e que pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo espero serão a minha coroa e a minha alegria no céu" (Escritos Espirituais II, 298).

Entre estes meninos pobres, Dom Bosco preocupou-se especialmente daqueles encaminhados ao mundo do trabalho ("os artesãos") e daqueles abertos a vocação sacerdotal ou religiosa ("os estudantes"). No seu Regulamento de 1876, Capítulo II a IV, pediu explicitamente aos Cooperadores para contribuir na salvação da juventude pobre e no sustento das vocações.

B- O SUSTENTO DA FÉ DAS CLASSES POPULARES

A classe popular é o ambiente onde se exprime a prioridade juvenil, e ela mesmo merece ser protegida contra os perigos que minam a sua fé e ajudada no desenvolvimento dos seus valores mais característicos: a família, o sentido da vida, os filhos. No contexto político-religioso do seu tempo, Dom Bosco também sentiu-se chamado a responder aos erros e ataques contra a Igreja, que minavam a fé da gente comum. Com uma coragem extraordinária lançou em março de 1853 a ofensiva das Leituras Católicas, e creveu uma centena de obras, abriu tipografias e livrarias, pregou, com a preocupação especial de nutrir a fidelidade do povo à Igreja e à hierarquia, ao Papa em particular.

Aos Cooperadores indicou logo e como um dos principais objetivos da sua atividade opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa por meio da difusão de bons livros, páginas, folhetos... (Reg.1876 - Cap. IV/3).

C- A DIFUSÃO DA FÉ NAS REGIÕES MISSIONÁRIAS

O Espírito Santo abriu o "Da mihi animas" e a " caridade pastoral" de Dom Bosco a grandes horizontes: apenas aprovadas as constituições da Pia Sociedade de Salesiana (1874) lançou-se com uma audácia louca no trabalho missionário (1875) à Argentina, Uruguai, Brasil... " A atividade missionária constitui uma aplicação privilegiada e uma posição avançada da nossa missão em direção a classe popular e em direção aos jovens pobres " (Atos CGS 1972 - nº 56).



A feição missionária pertence ao carisma de Dom Bosco fundador; dele passou a toda a sua família como elementos do seu rosto espiritual e pastoral.

Não pode propor aos Cooperadores a atividade missionária no Regulamento escrito poucos meses depois da partida dos primeiros missionários; mas sabemos do Boletim Salesiano (lançado em 1877) quanto de fato os Cooperadores foram desde o início os sustentadores da obra missionária salesiana.

D- CONCLUSÃO. A TRÍPLICE SANTA PREOCUPAÇÃO DO COOPERADOR

Tudo isto desemboca nos dois artigos 7 e 13 do RVA. O artigo 7 recorda ao Cooperador que a sua identidade de cristão-leigo lhe pede, como para todos os leigos, de "realizar o seu apostolado, em primeiro lugar nos empenhos diários": família, ambiente de vida e de trabalho, responsabilidade sócio-política. Porém, em tudo isto a sua sensibilidade salesiana o faz "levar também a uma atenção preferencial a juventude necessitada", aos problemas juvenis, a tudo aquilo que toca a sorte temporal e espiritual dos adolescentes e dos jovens.

O artigo 13 retoma no seu título e no seu primeiro parágrafo a palavra "preferencial": "Destinatários preferenciais", e reassume perfeitamente a participação mais típica do Cooperador a "mesma messe da Congregação de São Francisco de Sales":

- primeiramente os jovens, mencionando três categorias: pobres-abandonados, os que se encaminham ao mundo do trabalho e os que dão sinais de vocação;
- depois a promoção da família, lugar natural de crescimento de todos os jovens, o sustento da fé das classes populares, a difusão da fé nas missões,

Constatamos como estão os campos, mesmo se "preferenciais" são amplos, e oferecem ao zelo do Cooperador variadas e contínuas ocasiões de iniciativas sob a inspiração do "Da mihi animas".

2) A COMPETÊNCIA DO EDUCADOR CRISTÃO (RVA artigo 14)

A missão salesiana compartilhada pelo Cooperador o orienta também claramente em direção aos jovens. Suscita o seu interesse para jovens e para os problemas juvenis. Cedo ou tarde se põe em contato com pessoas ou grupos de adolescentes ou de jovens... Este fato inclui uma "exigência fundamental: aquela de ser um educador, de adquirir uma certa capacidade ou competência de conhecimento ou de prática. Não pode permanecer ao nível emotivo ou de interesse superficial.

Certamente não se trata de conseguir uma láurea em pedagogia, nem mesmo de submeter-se a algum exame de pedagogia salesiana. Mas como poderia dizer-se discípulo de Dom Bosco aquele que não estaria preocupado de saber como Dom Bosco tratava com os jovens, de conhecer o seu sistema Preventivo, de saber qual pode ser hoje o projeto válido de educação, e de educação cristã, aquele que não aprendeu a acolher os jovens a escutá-los, a entendê-los, a discernir as suas necessidades, a abrir com eles um diálogo formativo, a ajudá-los a resolver algum problema concreto deles, aquele que não se preocuparia de manter-se atualizado em seus problemas educativos através do diálogo com educadores informados e competentes?... Entre os numerosos cristãos-leigos, o próprio Cooperador se distingue e se reconhece para uma "certa competência educativa".

O artigo 14 do RVA, intitulado Tarefa de educação cristã, adota como norma habitual que cada Cooperador seja um educador, e um educador cristão, e lhe dita neste sentido os seus deveres e capacidades fundamentais. Certamente deve sê-lo para os próprios filhos, mas amplamente para aqueles jovens que é destinado a encontrar-se. É interessante notar que a mesma expressão retorna nos artigos 7 e 14:

- o "Cooperador (exercita o apostolado leigo) dando em toda parte uma atenção preferencial à juventude abandonada (artigo 7);

- "O Cooperador tem em qualquer parte a preocupação de educar e evangelizar", Artigo 14, e uma nota remete à carta do Reitor-Mor: o projeto educativo salesiano, onde é explicado como o salesiano educa evangelizando e evangeliza educando. É sugestivo o artigo correspondente das constituições salesianas, onde é descrito o empenho de "promoção integral dos jovens" assumido pelos salesianos religiosos: "A nossa missão participa daquela da Igreja que realiza o desígnio salvífico de Deus, a vinda do seu Reino, levando aos homens a mensagem do evangelho intimamente unido ao desenvolvimento da ordem temporal.

Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem, orientando para Cristo, homem perfeito. Fiéis às intenções de nosso fundador, visamos formar "honestos cidadãos e bons cristãos" (art. 31).

Partindo da sua situação de cristão inserido no meio do mundo, o Cooperador é particularmente capaz de realizar a iniciação do jovem aos "autênticos valores humanos" (art. 14/2) e a sua inserção no mundo complexo dos adultos, iluminando já estes procedimentos com a realidade de Cristo e do seu evangelho. Quanto pode contribuir para sua "educação integral" nos setores do trabalho e do uso dos bens, do amor e do justo sentido da sexualidade, da responsabilidade social e do sentido da justiça e do serviço. Vivendo já estes valores cristãos, o Cooperador saberá "condividí-los" com os jovens e provocar a sua adesão até o entusiasmo. Evidentemente poderá também, e tanto mais, evangelizá-lo explicitamente com o diálogo religioso, a catequese, a preparação aos sacramentos, a partilha das atividades eclesiais e apostólicas (cfme. RVA 14/3).

"No serviço educativo o Cooperador adota o método da bondade que Dom Bosco transmitiu aos seus filhos: o Sistema Preventivo, brotado da caridade pastoral" (RVA 15) Este aspecto da "competência educativa" do Cooperador será explicado nos artigos que exporão a sua participação do "espírito salesiano".

C) AS TRÊS SÉRIES DE ESTRUTURAS ONDE PODE TRABALHAR O COOPERADOR (Artigo 17 da RVA)

1) DUAS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

Onde o Cooperador desenvolve primeiramente esta ampla missão "juvenil, popular, missionária" (confiada ao Cooperador) que participa do carisma de Dom Bosco, com insistência na tarefa educativa?

Resposta: em toda parte, em cada situação, contexto, circunstância a. Todavia também aqui ocorre indicar diversas insistências, em grande importância que vem do Cooperador pela sua identidade de cristão-leigo. Deste ponto de vista a história e a evolução das idéias são significativas.

Nós sabemos que a idéia de Dom Bosco sobre a cooperação dos leigos não cessou de se desenvolver. Quando escreveu o seu Regulamento de 1876, um ano depois da primeira fundação da Congregação fora da Itália (França) e até a Argentina para o trabalho missionário, os cooperadores o apoiam sobretudo como Cooperadores dos Salesianos e de suas obras: há uma necessidade urgente de sua ajuda. Mais tarde, nos últimos anos de sua vida, quando a abundância de vocações salesianas tornará menos urgente esta necessidade, o seu olhar se alargará, e poderá fazer a sua famosa declaração de 16 de fevereiro de 1884: " Estudei muito sobre o modo de fundar os Cooperadores Salesianos. O seu verdadeiro objetivo direto não é aquele de ajudar os salesianos mas de prestar ajuda a Igreja, aos Bispos, aos párocos sob a direção dos salesianos (MB XVII - 25, Cf XI-74) Dom Bosco pensava na ajuda direta dos Cooperadores ao clero para o catecismo, a escola cristã, etc...

Ora a visão conciliar dos leigos nos convidou a fazer uma segunda mudança. Também se os Cooperadores são sempre convidados a ajudar os salesianos nas suas obras e ao clero nas suas paróquias, o Concílio volta agora o seu olhar e a sua preocupação em primeiro lugar sobre a sociedade onde estão diariamente inseridos: é ali que devem ser não exclusivamente, mas prioritariamente " verdadeiros salesianos ". De fato, como D. Gallo recordou bem no nº 70 de "Cooperadores", "por sua vocação é específico dos leigos procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus" (LG 31b), por em ação, precisa Paulo VI, " toda a possibilidade cristã e evangélica escondida mas já presente e operante nas realidades do mundo... realidade sócio-política, econômica, cultural, científica e artística, instrumentos de Comunicação Social, e também as realidades particularmente abertas à evangelização: o amor, a família, a educação, o trabalho profissional, o sofrimento,..." (EN 70).

Oficialmente, portanto, esta perspectiva faz parte agora dos Cooperadores de hoje. o RVA lança-os em direção de sua responsabilidade evangélica-salesiana sem exclusivismos, mas respeitando as prioridades: em direção a três setores das realidades temporais ("no mundo"), depois nas realidades eclesiais ("na Igreja"), enfim nas instituições salesianas (inseridas nas estruturas eclesiais). Estas são as prioridades objetivas. Evidentemente no concreto, cada um escolhe agir segundo as próprias capacidades e disponibilidades.

Para tomar consciência de tudo, basta prestar atenção a articulação



do Capítulo II: vem em " primeiro lugar os empenhos diários" (artigo 7), desenvolvidos nos artigos 8-12; depois vem uma parte mais mesclada, onde são indicados "os destinatários preferenciais" (Artigo 13), com a tarefa de educação (artigos 14 e 15) e as atividades tipicamente salesianas (artigo 16). Muito significativo é o artigo síntese 17, para a ordem na qual apresenta as " estruturas nas quais operar": aquelas "do mundo", "eclesiais" (cf. também artigo 18), enfim aquelas estritamente salesianas.

O Cooperador que assimilou esta visão e este convite entende (e é muito necessário) que o seu empenho não se limite a qualquer atividade ou serviço (nobilíssimo) na casa salesiana ou na paróquia: é contínuo, se confunde com a mesma vida, a vida diária normal.

Quem não entendeu, vive ainda como antes do Concílio. A vocação do Cooperador, diz o artigo 2, " qualifica a existência". Nada menos. É uma maneira de viver a vida laical-salesiana.

2) NOS EMPENHOS DIÁRIOS (ARTIGO 7) E NAS ESTRUTURAS FAMILIARES, CIVIS, CULTURAIS, SOCIO-ECONOMICAS E POLITICAS (ARTIGOS 8 A 12 - 17A)

Indicamos brevemente que coisa o Cooperador, leigo entre tantos leigos é convidado a fazer em virtude da sua identidade de "verdadeiro salesiano no mundo" (artigo 3) e da sua participação na missão carismática salesiana.

O seu trabalho começa na própria família, célula ao mesmo tempo da sociedade civil e da Igreja. O primeiro trabalho do Cooperador noivo, conjugue ou pai é claramente de constituir um casal e uma família humanamente válida, capaz de irradiar no próprio ambiente os valores do amor autêntico. É também de "abrir-se à colaboração com as outras famílias" (artigo 8), de agir dentro dos movimentos familiares (artigo 16). Evidentemente, a sua tarefa de "educador salesiano" se aplica em primeiro lugar para seus filhos; ao mesmo tempo acolhe jovens e os ajuda (se são familiares de cooperadores onde se pode formar um verdadeiro oratório, embora pequeno).

Recordamos o belo trabalho que fazem os Cooperadores espanhóis, responsáveis por um milhão de "Hogares Don Bosco" para a educação das famílias e dos casais.

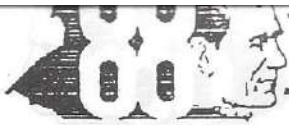
Nas estruturas sócio-culturais, os Cooperadores são especialmente convidados a escutar três insistências de Dom Bosco. A primeira está expressa no artigo 12 do RVA: "O estilo de vida pessoal do Cooperador, marcado pelo espírito das bem-aventuranças é também um empenho em evangelizar a cultura e a vida social": o seu modo de administrar a própria liberdade, a própria sexualidade, os próprios bens é contagioso: o seu exemplo irradia mais do que as palavras (mas quanto é exigente num mundo que glorifica a independência absoluta, o sexo liberado, o acúmulo de bens). A segunda é o sensibilizar-se pela importância da comunicação social; quanto bem "salesiano" pode fazer um Cooperador artista, jornalista, escritor, gerente de uma rádio local, difusor da imprensa honesta: (conforme artigo 16). A terceira é a importância dada a escola pública como lugar de educação cultural: quanto bem salesiano podem fazer os Cooperadores professores mas também aqueles que participam ativamente nas Associações de Pais ou na Administração das Escolas (conforme artigo 16).

Nas estruturas sócio-econômicas e sócio-políticas (serviços sociais e administrativos, sindicatos, partidos) o Cooperador rejeita antes de tudo o absentismo, e se empenha segundo as linhas traçadas nos artigos 10 e 11: denunciar e combater, renovar e fazer progredir, agir pessoalmente e dentro de qualquer grupo, em particular em tudo aquilo que interessa a estes três setores: a educação da juventude, a vida das famílias, a defesa e a promoção dos pequenos e dos pobres (final dos artigos 11/2 e 17a) Imenso campo, no qual o Cooperador pode ser de fato, " verdadeiro salesiano no mundo ".

O Cooperador não rejeita os encargos nem as grandes responsabilidades para as quais se sente capaz, sabendo que faz um serviço difícil, mas eficiente para o bem comum. Quanto bem "salesiano" pode fazer um Cooperador patrão de firma ou de empresa chefe de serviço administrativo, presidente da Câmara ou vereador de sua cidade, deputado ou senador... especialmente preocupado com os três setores acima citados.

3) NAS ESTRUTURAS ECLESIAIS (ARTIGOS 16, 17B, 18)

O cristão leigo age prioritariamente no mundo, mas tem seu pleno lugar também dentro da Igreja, para ajudar a sua " construção ". Já temos visto que Dom Bosco queria os seus Cooperadores à serviço dos bispos e dos párocos. Toda atuação educativa



do Cooperador, tende a proporcionar à Igreja "bons cristãos" (artigos 14/3 e 50). Os artigos 17 b e 18, depois o nº 22/1 e 40, o vêem operante na diocese e na paróquia, pessoalmente ou com outros grupos da Família Salesiana, e falam de seu propósito de colaboração responsável, de "ativa participação nos planos pastorais", de prontidão a um "rico serviço" de "colaboração as iniciativas apostólicas".

Neste contexto também prevalecem as insistências salesianas: jovens (especialmente as "vocações"), família, povo, missões. Os principais serviços concretos são: a catequese e a formação cristã, "o trabalho missionário" e a colaboração ao diálogo ecumênico" (artigo 16). É também previsto que os cooperadores sejam chamados a algum "ministério" particular. Não faltam cooperadores diáconos.

Tudo isto contribue, segundo a bela expressão do artigo 18/1, a "edificar a Igreja particular, diocese ou paróquia como comunidade de fé, de oração, de amor fraterno e de empenho missionário". É de se notar que, no dia da sua promessa, cada Cooperador se compromete explicitamente a "colaborar, em comunhão de família, com as iniciativas da Igreja local" (artigo 40).

Benditas as paróquias que tem, no seu território, um grupo de verdadeiros Cooperadores... e de párocos prontos a entendê-los e animá-los.

4) NAS ESTRUTURAS ANIMADAS PELOS SDB, FMA OU OUTROS GRUPOS DA FAMÍLIA (ARTIGO 17C)

Enfim, não existe dificuldade para entender que o Cooperador encontra nas instituições salesianas um modo particularmente imediato de participar da missão carismática salesiana.

Historicamente o seu serviço começou assim, e também se a visão se alargou duas vezes, como vimos, esta maneira de realizar a missão salesiana em estreita colaboração com os salesianos e salesianas nunca mais cessou de existir. Em particular os Cooperadores jovens iniciam quase sempre seu apostolado neste ambiente: assumem progressivamente responsabilidades nos Oratórios, no Centro Juvenil, na paróquia salesiana. Mas também tantos Cooperadores e cooperadoras adultos se empenham de mil maneiras para sustentar, animar... e muitas vezes salvar a obra salesiana do lugar.

É de relevante importância a presença dos Cooperadores na Escola Salesiana.

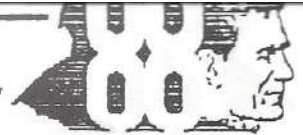
PRIMEIRA RAZÃO: entendeu-se que é um erro da parte dos educadores religiosos e religiosas querer assumir sozinhos toda a obra educativa: a presença de leigos convictos é complementar, trazendo sua própria experiência e valores do laicato em tantos aspectos educativos.

SEGUNDA RAZÃO: o número dos SDB e das FMA diminui. Em muitos casos, os leigos estão cada vez mais assumindo a responsabilidade no ensino: quantas vantagens para o andamento "salesiano" da escola se estes leigos são Cooperadores, plenamente de acordo com o projeto educativo e com o método e espírito para realizá-lo. Capazes também de influenciar positivamente os outros leigos que participam. Eis um campo magnífico de "corresponsabilidade educativa e pastoral" salesiana. Realiza-se aquilo que Dom Bosco dizia em 1877: "uma associação para nós importantíssima, que é a alma da nossa congregação... é a obra dos Cooperadores... São eles a nossa ajuda na necessidade, o nosso apoio nas dificuldades, os nossos colaboradores naquilo que se apresenta, para fazer-se a maior glória de Deus, mas que a nós falta meios pessoais ou materiais. Estes Cooperadores devem multiplicar-se quanto for possível" (citado do CGS 1972, nº 153).

CONCLUSÃO

Vastíssimo é então o "campo missionário" salesiano dos Cooperadores. Notamos bem que os setores indicados não se excluem. Muitos Cooperadores se inserem generosamente em qualquer estrutura das três séries: um cooperador, uma cooperadora pode muito bem trabalhar em um partido político, servir regularmente ao seu pároco e participar em uma escola salesiana.

Mas este trabalho generoso precisa ter raízes no Senhor: sustentado por uma mística, alimentado nas fontes seguras de cada apostolado: "Sem mim nada podeis



fazer " (João 15, 5).

Estas reflexões sobre a " missão " saçoana do cooperador serão necessariamente completadas com aquelas do " espírito " salesiano do Cooperador .

PISTAS PARA REFLEXÃO, EXAME E APROFUNDAMENTO PESSOAL

- 1) Sinto verdadeiramente que, no meu nome de Cooperador, está todo o ideal de um cristão discípulo de Jesus e membro da sua Igreja, todo o ideal de um leigo-secular empenhado e todo o ideal de Dom Bosco, harmonicamente integrados e unificados ?
- 2) Como Cooperador, participo, como leigo, do carisma de Dom Bosco. Isto é, a minha vocação: é um dom especial de Deus, transmite Dom Bosco, para o bem da Igreja. Sinto vivamente estas três referências ?
- 3) Dentro deste " dom especial " está a missão salesiana, está o espírito salesiano, e está a fraternidade salesiana. Estou de acordo? Sinto assim ? Estas três riquezas são claras igualmente para mim ?
- 4) Os jovens, o "povo" as missões: estou sensibilizado para estas três escolhas salesianas? Sinto-me interiormente harmonizado com estas três " predileções " ?
- 5) Sinto, como Cooperador, a exigência de conquistar competência de informação e ação no campo educativo? Aceito uma " formação permanente " neste setor? Como ?
- 6) " Salesiano " no cotidiano e no comum da minha vida: estou convicto desta exigência ? Ou me sinto salesiano só " a golpes ", em certas ocasiões em que apareço ?
- 7) Medito o exigente artigo 12 do RVA ? Em que medida sou testemunha e apóstolo com o meu modo " de vida pessoal " nos setores indicados ?
- 8) É sincera e generosa a minha colaboração nos planos pastorais da minha diocese e da minha paróquia ?
- 9) Quais pedidos poderiam fazer-me os SDB e as FMA nos quais poderia colaborar?
E quais pedidos tenho a fazer para eles?

EM HOMENAGEM A CRISTO REI

Cristo Tu és nobre, grande Rei.
Sofreste o que eu nunca atinei.
Derramaste todo teu sangue por nós,
Para termos junto de Deus vez e voz.

Reconciliaste com este teu ato
O mais rico amor. E de fato,
Libertaste-nos da escravidão,
Pelo pecado veio o perdão.

Ressurgiste rompendo total véu,
Abrindo as raias eternas do céu
Obrigado, meu amigo Jesus
Pelo sacrifício feito na cruz.

Onde não há tristeza, nem dor,
Pedimos a graça e teu favor,
De celebrar perene gratidão,
Juntos gozar sempre na tua mansão.



(Pe. Francisco Brÿs - Itajaí/ SC - 20.11.86)



O ENCONTRO COM DOM SÉRGIO

Nos dias 26 e 27 de setembro, aconteceu em Curitiba/ PR, um encontro com o Pe. Sérgio Cuevas Leon - Conselheiro Geral para a Família Salesiana e Comunicação Social.

Este encontro foi um Encontro da Família Salesiana, pois estavam presentes - Salesianos (noviços, tirocinantes, sacerdotes), Salesianas (noviças, irmãs) e Cooperadores (compromissados, engajados a um centro e candidatos). Não podemos deixar de registrar as presenças do Pe. José Balestieri - Inspetor SDB e da Irmã Blondina - Inspetora FMA.

A Associação iria realizar nos dias 10-11 e 12 de outubro o VII ENCONTRO INSPECTORIAL na cidade de Ponta Grossa (conforme tinha ficado decidido ao final do VI Encontro em Porto Alegre)mas, vários motivos levaram ao seu cancelamento, (proximidade de datas, deslocamentos com dificuldades de conciliações profissionais, dificuldades econômicas,...).

O Pe. Marcos Sandrini (vice-inspetor SDB) havia notificado que uma parte dos gastos seria subsidiado, mesmo assim, alguns não encontraram possibilidades pois as datas já estavam comprometidas. Foi assim que alguns Cooperadores de Porto Alegre, Ponta Grossa, Rio do Sul e Itajaí lá estiveram.

O Encontro se deu no Seminário Palotino e contou com a presença de 92 participantes.

O contato com o Pe. Sérgio foi muito rico. Esclareceu dúvidas, apresentando de uma forma resumida (novamente) o REGULAMENTO DE VIDA APOSTÓLICA da Associação aprovado no 2º Congresso Mundial ocorrido em Roma ao final de 1985.

Novamente, porque no VI Encontro Inspetorial (dias 08 e 09 de novembro de 86) ocorrido em Porto Alegre, já se havia tomado contato e realizado um trabalho para se entender melhor o RVA - (vide SCNotícias nº 11 - JAN/FEV - 87). Igualmente, anterior ao encontro inspetorial, se havia distribuído os livros ATAS E DOCUMENTOS DO 2º CONGRESSO MUNDIAL, no qual já apresentava o RVA na forma como foi aprovado em plenário. É claro que após o Congresso, uma comissão de redação de texto deu um toque final para encaminhá-lo para a aprovação da Sé Apostólica. O texto aprovado foi distribuído aos centros, se solicitou que desde aquele momento, seja o primeiro instrumento de formação. Só se vive aquilo que se conhece. A nossa caminhada até aqui, (já vão bem sete anos), está lenta mas muito gratificante. São necessários muitos requisitos; com estudo, conhecimento do RVA, uma formação individual e comunitária bem adequadas, estes requisitos serão preenchidos.

Gostaria de lhe pedir para que relese os Salesianos Cooperadores Notícias que lhe chegaram à mão. Já são 14 números publicados, uma caminhada...

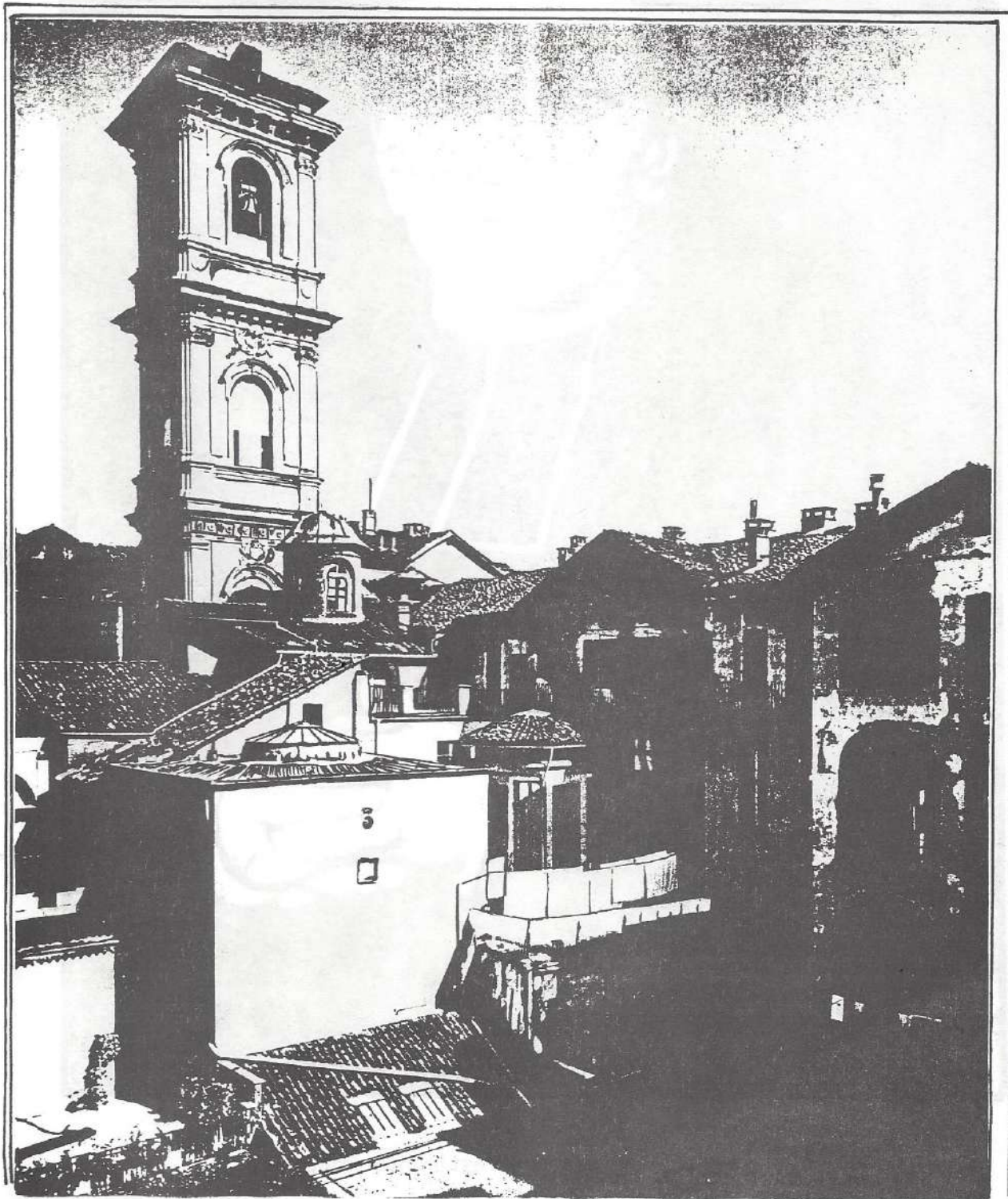
Reveja os projetos e as orientações que foram enviadas nos anos anteriores, especialmente no ano passado (set.).



ENCONTRO COM DOM BOSCO

(PARTE VI)

Voltamos a recordar alguns lugares por onde nosso Fundador caminhou...



Campanário da Igreja de São Francisco de Assis em Turim. A casa de arcadas que fica à direita pertence ao "Convitto Ecclesiastico" onde Dom Bosco ingressou após a sua ordenação sacerdotal. Aí permaneceu durante três anos, de 1841 a 1844.

DOM BOSCO, JOVEM SACERDOTE .



Nesta fotocópia, usa uma vestimenta francesa.



notícias

CENTRO DE RIO DO SUL / CATEDRAL

- Natalino Meurer escreve:
 - realizaram reunião um mês após o encontro com D. Sérgio.
 - encontram ainda dificuldades na caminhada - falta apoio.
 - solicita que as correspondências sejam enviadas diretamente à sua residência.
 - agradecendo pelo convite e a oportunidade de participar do encontro em Curitiba com D. Sérgio. Diz que valeu muito. Voltou mais animado para continuar em frente.

CENTRO DE PORTO ALEGRE / CPO - DOM BOSCO

- O grupo segue com reuniões quinzenais, já se preparando para 1988. Realizada eleição no centro o Moacir Alex é o coordenador, Alfredo é o economista, Elena-ra é a secretária, Luiz Marcos com a formação, Terezinha com as relações públicas (já que é radialista).
- Dia 06 de dezembro acontecerá o retiro de final de ano. O tema será: Salesianidade. O local, no Instituto de Pastoral de Juventude (Casa Pe. Jorge). Início 8h30min e término prevista para as 17 horas.
- Já está programada a novena para o Natal que está chegando. Um dia em casa de cada Cooperador.

SEDE INSPETORIAL

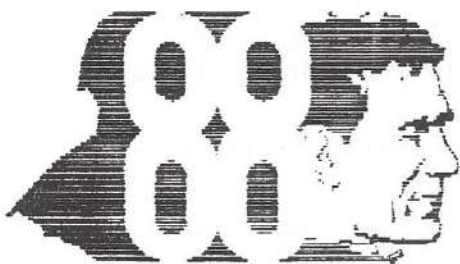
- Recebemos correspondências para publicações nos dois números finais de nosso boletim para este ano de 87. Obrigado Simoni e Sandra (Itajai), e Pe. Francisco Brys (Ponta Grossa).
- Agradecemos ao Pe. Tarcízio pela tradução do material sobre Salesianidade que recebemos em italiano.
- Recebemos palavras de apoio e escla recimentos da Ir. Gema Olivo (FMA). Mesmo estando longe (em São Luiz Gonzaga) não nos esquece. Obrigado, suas palavras nos ajudam a clarear nossa caminhada.
- Obrigado Natalino Meurer (Rio do Sul) que nos enviou a relação dos responsáveis pela caminhada do grupo. Agora, vamos em frente. Esperamos receber respostas às nossas cartas enviadas à Ponta Grossa e Rio dos Cedros. Estamos ainda esperando...
- Lembramos a todos os Salesianos Cooperadores que ainda não resgataram os débitos referentes aos livros - Atas e documentos do 2º Congresso e aos RVA enviados que o façam o quanto antes para que possamos efetuar o pagamento ao economato da Inspetoria SDB.

**Rezar juntos, um
passo para a unidade**



índice

APRESENTAÇÃO (Pe. Tarcízio Paulo)	01
BATE-PAPO (Pe. José Balestieri)	02
SALESIANIDADE (D. Joseph Aubry)	
PARTICIPAÇÃO E MISSÃO DA IGREJA	
A) SALESIANIDADE, PARTICIPAÇÃO NO CARISMA DE DOM BOSCO FUNDADOR	03
1) Realidade globalizante	03
a) É completa sua vocação cristã secular	03
b) É completa a vida cristã-secular vista e assumida sob o ângulo do carisma salesiano	04
2) Realidade rica de todos os conteúdos do carisma sal.	05
B) PRIMEIRO ASPECTO DA SALESIANIDADE - O COOPERADOR PARTICIPA COMO LEIGO DA MISSÃO SALESIANA	06
1) A tríplice dimensão da missão salesiana	06
a) A salvação integral dos jovens	06
b) O sustento da fé das classes populares	06
c) A difusão da fé nas regiões missionárias	06
d) Conclusão: a tríplice santa preocupação do Cooperador.	07
C) AS TRÊS SÉRIES DE ESTRUTURAS ONDE PODE TRABALHAR O COOP.	08
1) Duas mudanças significativas	08
2) Nos empenhos diários (art.7) e nas estruturas familiares, civis, culturais, sócio-econômicas e políticas (art.8 a 12 - 17a)	09
3) Nas estruturas eclesiais (artigos 16, 17b, 18)	09
4) Nas estruturas animadas pelos SDB, FMA ou outros grupos da Família Salesiana (art. 17c)	10
CONCLUSÃO	10
PISTAS PARA REFLEXÃO, EXAME E APROFUNDAMENTO PESSOAL	11
EM HOMENAGEM A CRISTO REI (Pe. Francisco Brÿs)	11
O ENCONTRO COM DON SÉRGIO (Curitiba - 26 e 27 de setembro)	12
ENCONTRO COM DOM BOSCO (parte VI)	13
NOTÍCIAS - Centro de Rio do Sul	
Centro de Porto Alegre - CPO/DB	
SEDE INSPETORIAL	15



DOM BOSCO VIVE



SALESIANOS COOPERADORES notícias



ÓRGÃO FORMATIVO E INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS SALESIANOS COOPERADORES DO SUL DO BRASIL

SEDE INSPETORIAL: Rua Dr. Eduardo Chertier, 380 - CP 6006 - 90.440 - Porto Alegre - RS - Brasil

ANO III
NÚMERO 15
SETEMBRO - OUTUBRO
1987